

felizmente há luar!

Encenação de João
Ferreira e Sofia
Araújo

*in skené – grupo de Teatro
de Amadores de Gondomar*
www.inskene.org





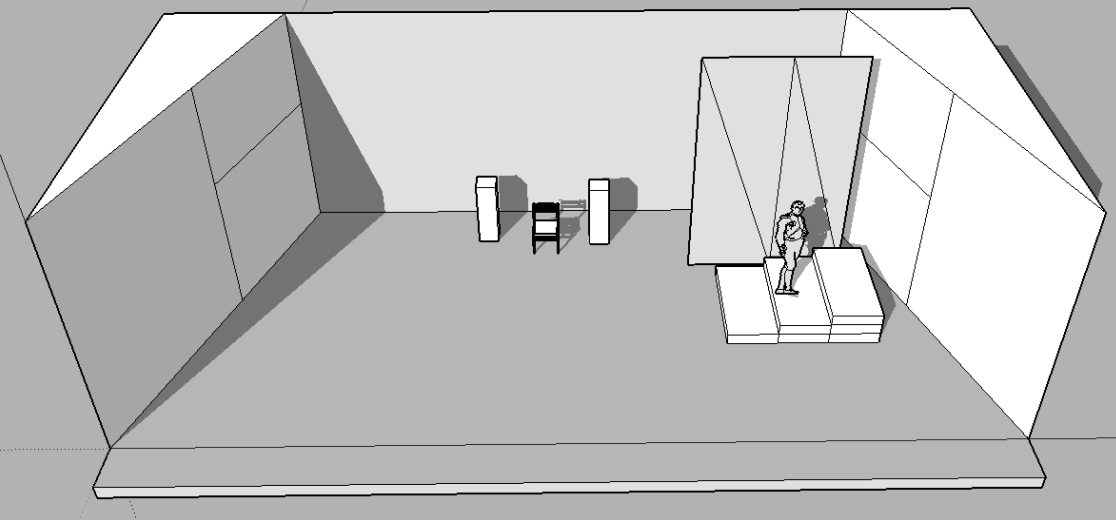
Há um ano atrás, em colaboração com Beatriz Soares, levamos a cena a primeira encenação in skené de felizmente há luar!, de Luís de Sttau Monteiro. Apesar do cariz ainda experimental da encenação, três traves-mestra ficaram definidas para nós: fidelidade ao texto do autor, intemporalidade da mensagem e convívio equilibrado entre razão e emoção.

2011 trouxe o desafio de uma re-leitura a dois: um diálogo criativo que gerou uma terceira leitura composta das nossas interpretações individuais. Surge *felizmente há luar!* 2011, uma encenação que, mantendo o registo clássico e depurado da criação de Sttau Monteiro, recusa qualquer estereótipo caricatural. Focámo-nos primordialmente nas personagens, uma a uma, não apenas como símbolos ou agentes, mas como seres de papel reconvertidos em carne, numa carne humana porque imperfeita: não há pobres bons contra ricos maus, não há certezas absolutas, não há personagens que entrem e saiam do palco “como se nada tivessem a ver com o que se passa em cena.

felizmente há luar! 2011 é o percurso dos 5 réis que Manuel recebe no abrir da peça e Matilde dará finalmente ao Principal Sousa no fecho, desses 5 réis que não são senão as trinta moedas que pagaram o beijo de Judas. Mas é também a história de uma chama que começa fátua, quase apagada, no desalento de Manuel, mas que se converte nas chamas frágeis mas perenes que conseguem pelo luto que a figura do general, o casaco deste *general-sem-medo*, não desapareça mais de cena.

E porque *as palavras têm um sentido e obrigam a quem as profere* mas também a quem as ouve, trouxemos a palco não apenas as revoluções e mártires do passado – 1820, Martin Luther King, Humberto Delgado, 25 de Abril, mas a de hoje – Birmânia, Egipto, Líbia... É certo que há ainda muita noite na Terra, mas ***felizmente há luar!***





A ENCENAÇÃO

Seguindo as orientações do autor, Luís de Sttau Monteiro, o palco quis-se despidido de riquezas e grandes adereços cénicos, para que a mensagem de liberdade não fosse poluída por nenhum outro elemento.

Procurou-se que da esquerda para a direita o público conseguisse viajar das ruas de Lisboa, passando pela casa de Matilde de Melo, até às salas de audiência dos Governadores do Reino.

Mantivemos o rigor histórico e a preocupação na caracterização das personagens, na certeza de que com as palavras de Sttau Monteiro o público poderá fazer uma viagem desde o ano de 1817 até ao presente de 2011.

A NOVA MATILDE

Pedir a um actor que crie uma personagem é sempre uma tarefa árdua; pedir ao mesmo actor que perante o mesmo texto recrie estruturalmente a personalidade da sua personagem um ano depois de estar em cena é o desafio que propusemos a Joana Sousa.

Quem é, então, a nova Matilde que sobe ao palco em 2011?

É uma mulher complexa, frágil e forte, doce e violenta, piedosa e inclemente. É uma mulher que à exigência de começar, responde com a assertividade dos justos. Uma mulher que não se coíbe de lutar pelo seu homem e que toma as rédeas do seu próprio destino, uma verdadeira mulher de armas.

Mas é também uma mulher que envelhece e amadurece ao longo de quatro dias – da mulher quase ingénua que jura a inocência do general chegaremos à lutadora que clama o valor, o mérito do homem que, inocente ou culpado de conjura, é responsável pelo grito de liberdade que incendiará o Mundo.



Uma mulher com contradições, generosa nos ideais e altiva no trato, humilde na origem e régia no porte, forte perante quem não a acolhe, desde os populares a Deus, e frágil no reduto de intimidade que partilha com o público.

A Matilde que colocamos em cena não renega o seu passado, invoca o seu estatuto de mulher de Gomes Freire d'Andrade como um posto, que é forte apenas porque escolhe, porque se recusa a ser fraca. Contrapõe, no fundo, à imagem de mãe-coragem a de amante-coragem. Termina a peça com a doçura de uma *Pietà* conjugada com a força de Marianne, empunhando a bandeira que o seu homem lhe deixa nas mãos.





1º ACTO

Mais além das pilhagens e atentados, os soldados franceses enviados por Napoleão para a Península Ibérica trouxeram nas suas mochilas os ideais revolucionários de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Família real e corte partem em fuga para o Brasil deixando Portugal entregue a um Conselho de Regência pleno de nobres ambiciosos, de reis do Rossio, como D. Miguel Forjaz, e de religiosos assustados como D. José António de Meneses e Sousa Coutinho, conhecido por Principal Sousa. Com eles, reina no país, personalizado na figura de William Beresford, o poder do aliado inglês que acorre a defender os ideais monárquicos e nobiliárquicos. Qualquer indivíduo que apoie para o seu país ideais distintos dos do poder vigente é culpado de traição, rebelião. Um desses homens foi o general Gomes Freire d'Andrade. Em 1817 a sua prisão fará Lisboa acordar a ferro e fogo.

Século e meio mais tarde, uma vez mais, apoiar os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade,

defender a Democracia, voltam a ser crime de lesa-pátria. Por essa altura, um desses homens tidos por criminosos é Luís de Sttau Monteiro, ele próprio preso pela polícia política P.I.D.E.

A peça *felizmente há luar!* une os momentos históricos na intemporalidade da luta contra a injustiça e a opressão, mas também contra a indiferença. A in skené gTAG acredita que hoje faz tanto sentido como fez em 1961 dizer o que Luís de Sttau Monteiro disse de 1817:

Há homens que obrigam todos os outros homens a reverem-se por dentro.

Mesclando História e ficção realista, Sttau Monteiro cria uma peça polarizada entre os mais pobres dos pobres, que os adeptos de Gomes Freire d'Andrade procuraram autonomizar, e os governadores que prendem, julgam sumariamente, condenam e assassinam o general. I e II actos começam pela mesma questão de Manuel, o mais consciente dos populares:

Que posso eu fazer?

- é esta impotência consciente que corrói os esforços dos justos e que a peça procura, de forma dolorosamente lúcida, contrariar. Gomes Freire d'Andrade é-nos apresentado por um Antigo Soldado que combatera pela nação no regimento

do general e acabara pedinte: *Um amigo do povo! Um homem às direitas! Quem fez aquele não faz outro igual...* Os pedintes, Manuel e Vicente, confrontam a esperança quase messiânica em Gomes Freire do primeiro com o desencanto cínico do segundo, que acabará por se tornar agente de repressão à conta das denúncias que faz ao longo da peça. Vicente é claro: *Só acredito em duas coisas: no dinheiro e na força. O general não tem uma nem outra.*

Vicente irá ser quem apresenta ao público os governadores, num encontro com D.Miguel Forjaz e com o Principal Sousa, encontro no qual vende o general e a esperança do povo por uns metafóricos trinta dinheiros. Será o religioso a colocar a acção opressiva em marcha: *Há que apagar o fogo perseguindo os insensatos, Senhor Governador.* Os três governadores do reino, Forjaz, Sousa e o inglês Beresford, discutem o momento histórico. Para o padre a resistência aos



ideais democráticos e anticlericais reveste-se de um cariz de guerra santa: *Veja Senhor D. Miguel como eles transformaram esta terra de gente pobre mas feliz num antro de revoltados! (...) Esta noite sonhei que nós, os governadores do Reino, tínhamos sido destacados, pelo Senhor, para a primeira linha de combate eterno entre o bem e o mal. Temos uma missão sagrada e penosa: a de conservar no jardim do Senhor este pequeno canteiro português.* Beresford personifica o pragmatismo cínico e obranceiro, mas lúcido, do estrangeiro: *Como a vida num país pequeno acaba por atrofiar as almas! Diga-me, Reverência, onde estava Deus Nosso Senhor, em 1793, quando os Franceses cortaram a cabeça ao representante da Sua autoridade? (...) Neste Conselho só eu me posso dar ao luxo de gracejar (...) É preciso acreditar no poder divino del-rei? Cá está o marechal Beresford para acreditar no poder divino del-rei (...) desde que lhe paguem (...) É também meu inimigo quem me possa substituir na organização do exército. Será, no entanto, D. Miguel Forjaz a sintetizar, para Sttau Monteiro, a baixeza das 'razões de Estado' sobreponde-se a um Estado da Razão: *Que importa? (...) Que um irresponsável queira saber quem é o chefe de uma conspiração, entende-se, mas que um estadista também o queira, já não... A pergunta é: quem deverá, ou convirá, que tenha sido o chefe da revolta (...)* Não*



há inocentes, Reverência. Em política, quem não é por nós, é contra nós. A questão que temos de resolver, Excelência, é, portanto, bem simples. Consiste apenas em chegarmos a acordo acerca da pessoa que mais nos convém que tenha sido o chefe da conjura. Entre os objectivos pessoais de Beresford, os débeis escrúpulos do Principal Sousa e os jogos políticos de Miguel Forjaz, fica eleito o chefe da conjura: Gomes Freire d'Andrade, o homem que Forjaz caracteriza dizendo não lhe falta nada: é lúcido, é inteligente, é idolatrado pelo povo, é um soldado brilhante, é grão-mestre da Maçonaria e é, senhores, um estrangeirado. Beresford sintetiza: um inimigo natural desta Regência.

Está constituída a verdadeira conjura, a conjura para assassinar Gomes Freire d'Andrade. Mas conseguirão os governadores derrotar o povo? Os aliados de Gomes Freire? Matilde? As suas próprias consciências?





ENCENADORES



João Ferreira é presidente da direcção da *in skené-gTAG* desde a fundação e encenador residente desde Agosto de 2010. É co-autor de *Sui Caedere, uma Vida um Erro*, com

Beatriz Soares, com quem encenou a versão 2009 da peça. Em 2010 encena a sua leitura individual de *Sui Caedere, uma Vida, um Erro*. Integrou também a equipa de encenação de *felizmente há luar!* 2010. É responsável pela luminotecnia e sonoplastia do gTAG.

É licenciado em Ciências da Engenharia de Computadores e Telemática e consultor na empresa Deloitte. Encontra-se a realizar o Mestrado em Engenharia de Serviços e Gestão na Faculdade de Engenharia do Porto.



Sofia Araújo é vice-presidente da direcção da *in skené-gTAG* desde a fundação e formadora residente desde Janeiro de 2010. Integrou a equipa de encenação de *felizmente há luar!* 2010 e foi assistente de encenação da versão 2010 de *Sui Caedere*,

uma Vida, um Erro. É responsável pela caracterização do gTAG.

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas Variante Estudos Portugueses e Ingleses e pós-graduada em Literatura Portuguesa e Brasileira pela Faculdade de Letras do Porto onde se encontra a realizar o Doutoramento em Estudos Anglo-Americanos como bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Agradecimentos

Câmara Municipal de Gondomar

Junta de Freguesia de S.Cosme Gondomar

GRECA Artes Gráficas

Tiago Moreira

Rosa Martins

Contactos

E-mail

inskene@gmail.com

Site oficial

www.inskene.org